Macroeconomia

Tudo na mesma

Rogério Mori*

NOVOS INDICADORES acerca do desempenho da economia europeia publicados recentemente revelam que pouco ou nada mudou ao longo de 2012. O PIB da região registrou nova queda, indicando, ainda, a presença de um quadro de recessão.

Esse ambiente não seria tão complexo se as perspectivas futuras mostrassem-se mais promissoras no médio prazo. Até agora, as ações dos governos europeus limitaram-se apenas a evitar a catástrofe: o colapso do sistema financeiro europeu e global. Sob essa lógica, as medidas adotadas não visaram primordialmente reverter o quadro de recessão instaurado.

Da mesma forma, a dinâmica do resgate dos países excessivamente endividados da Zona do Euro impõe um ajuste que prevê aumentos de impostos e/ou cortes de gastos dos governos. Essa natureza de política fiscal implica um menor impulso em termos de demanda agregada e menor perspectiva de crescimento econômico nesses países. O resultado desse processo verifica-se nas taxas de desemprego elevadíssimas em vários países da Zona do Euro.

Deve-se observar que os países dessa região não dispõem de maiores instrumentos para reverter esse processo. A moeda única elimina completamente o potencial desses governos de agir, do ponto de vista da política monetária. Ao mesmo tempo, o mecanismo do câmbio como uma forma de tentar reativar a economia também foi eliminado com a adoção da moeda única.

Uma boa alternativa para esses países seria melhorar sua competitividade rapidamente, mas, na ausência de ganhos de produtividade significativos, isso só seria possível via redução de custos, o que implicaria cortes de salários e benefícios. Esta via mostra-se muito pouco factível no tenso ambiente político e social vigente atualmente na região.

Dados esses elementos, as chances da economia europeia de sair do quadro recessivo no médio prazo são escassas. As melhores chances desses países se recuperarem recaem sobre uma retomada mais robusta do crescimento econômico mundial. No entanto, este parece ser um cenário factível.

Em função desses fatores, a Europa ainda representará o elo onde se concentram os maiores riscos do ponto de vista econômico nos próximos trimestres: a possibilidade de uma ruptura na região, em 2013, não deve ser totalmente eliminada.

Para a economia brasileira, em 2013, esse não é o melhor dos mundos. O crescimento econômico do Brasil tem, recorrentemente, permanecido abaixo das expectativas ao longo deste ano. As perspectivas para o ano que vem apontam também para um crescimento baixo, o que se constitui em um quadro de baixo crescimento do produto por anos seguidos.

Até agora, o desempenho econômico pífio da nossa economia não tem refletido-se sobre o emprego: a taxa de desemprego do Brasil tem permanecido em patamares significativamente baixos ao longo dos últimos anos, e existe escassez de mão de obra em diversos setores especializados da economia.

Mesmo assim, o governo brasileiro, diferentemente dos governos europeus, tem instrumentos de política econômica a seu dispor, que podem ser utilizados para estimular a demanda agregada e evitar a recessão no País.

Sob essa perspectiva, as contas públicas brasileiras permaneceram relativamente ajustadas ao longo dos últimos anos, o que proporcionou uma significativa queda da proporção dívida pública/PIB nesse período. Esse processo abre espaço para a manutenção de uma política fiscal expansionista, que deve ser mantida no médio prazo.

Ao mesmo tempo, os juros baixos proporcionam algum estímulo para a economia brasileira. Este estímulo via demanda agregada tem sido mais lento recentemente, em função do elevado endividamento das famílias ocorrido ao longo dos últimos anos, o que torna a resposta à flexibilização da política monetária no Brasil mais lenta no curto prazo.

Vale ressaltar, também, que os juros mais baixos diminuem a atratividade de recursos externos direcionados para o Brasil. Com isso, as pressões para a apreciação do real frente ao dólar tendem a diminuir no médio prazo. Em outras palavras, na manutenção do cenário de juros baixos, a perspectiva é de que a cotação da moeda norte-americana venha a subir mais adiante, o que tende a estimular as exportações e desestimular as importações. Esse processo contribui para reativar a economia brasileira.

A síntese desses elementos sugere que a economia brasileira, diferentemente das economias em recessão da Zona do Euro, tem plenas condições de ter um desempenho melhor em 2013. ■

*Professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas